

# ENTREVISTA

## Revista Teopraxis

v. 40, n. 135, Passo Fundo,  
p. 7-10, Jul./Dez./2023,  
ISSN on-line: 2763-5201

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v40i135.182

\* Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989). Atualmente é professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Email: agape@puc-rio.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3443-8214>

Recebido em 10/09/2023

Aprovado em 21/10/2023



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

## CONVERSANDO SOBRE A HISTÓRIA DA MULHER NA IGREJA E NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

*Maria Clara Lucchetti Bingemer\**

A edição 40/135 de 2023 da **Revista Teopraxis**, da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas, Itepa Faculdades, tem a alegria de apresentar este dossiê que dialoga sobre o tema da **Mulher na história da Igreja e na contemporaneidade**. Abordar essa temática tem sido algo latente para a evangelização hoje, sobremaneira quando tanto se reflete acerca da sinodalidade. Desde a Igreja Nascente, as mulheres foram fundamentais para o crescimento e florescimento do cristianismo em suas primeiras comunidades, na evangelização e no discipulado.

Para contribuir e qualificar esse diálogo, convidamos a teóloga doutora Maria Clara Lucchetti Bingemer, professora de teologia da PUC-Rio e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma faculdade, uma das grandes referências da teologia elaborada pelas mulheres no Brasil e no mundo. A Dra. Maria Clara atua na área de Teologia Sistemática, principalmente nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violência e espiritualidade. Atualmente, seus estudos e pesquisas vão primordialmente na direção do pensamento e escritos de místicos contemporâneos e da interface entre Teologia e Literatura. Várias de suas obras dialogam com o tema proposto nesta edição: “Cultura da paz e prevenção da violência”; “Mulheres de palavra”, “Mulher e Relações de Gênero”; “Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres”, em coautoria com Ivone Gebara; “Simone Weil - Ação e contemplação”; “A experiência de Deus num corpo de mulher”; “A Igreja e os intelectuais”; “Doutrina Social da Igreja e Teologia da Libertação”; “O Segredo Feminino do Mistério”, entre tantas outras que trazem à tona uma teologia em ritmo de mulher.

Para dialogarmos com a autora, propomos algumas questões que visam aprofundar e problematizar essa abordagem tão premente na produção teológica atual. Por isso, é um prazer para nós podermos estabelecer essa interlocução mais direta com a autora que está muito presente em nosso círculo de reflexões. Nossa Revista Teopraxis a acolhe com muita ternura e admiração e, ao mesmo tempo, desejamos que nossas(os) leitoras(es) apreciem essa troca de experiências. Enfim, gratidão, Maria Clara, pela sua disponibilidade em contribuir com nosso fazer teológico através dessa entrevista.

1 Entrevista concedida à Luísa de Lucas, coordenadora desta edição da Revista Teopraxis.

## **1 Quais são suas principais referências (obras, pessoas) na teologia que influenciam seu pensar e fazer teológico?**

Poderia mencionar várias. A primeira sem dúvida é Santo Inácio de Loyola, sobre cuja obra fiz minha tese de doutorado. A partir da experiência dos Exercícios Espirituais apaixonei-me por sua espiritualidade, sua mística e pela síntese teológica trinitária que nela havia. Reuni aí meus dois amores: a mística e a Trindade, temas com os quais trabalho até hoje. Em seguida, e mesmo a partir da tese, Karl Rahner, cuja obra teológica para mim foi fundamental para compreender a teologia moderna e mesmo contemporânea que começava a estudar. Seu axioma que diz que a Trindade Econômica (Deus para nós) é a Trindade Imanente é fundamental para toda a compreensão que tenho da Teologia. Em meus estudos teológicos pude ver a influência de Rahner sobre a teologia latino-americana que se forjava naquele momento. Outra referência para mim é sem dúvida a Teologia da Libertação, que entende a práxis como ponto central de convergência e irradiação da vida cristã. A abertura de Rahner para tudo que é secular e do mundo foi fundamental para isso. Dentro da própria TdL, meus interlocutores maiores foram sem dúvida J. B. Libanio, professor e amigo, que muito me ensinou e ajudou durante meu percurso teológico; Leonardo Boff, que me convidou para dar aulas em seu lugar no ITF na época em que não podia assumir essas aulas. E finalmente Jon Sobrino, com quem trabalhei ao longo de dez anos na revista Concilium. Seu pensamento a partir das vítimas, que alarga a concepção da identidade dos pobres foi e é fundamental para mim.

No período em que trabalhei no diálogo fé e cultura, estudei muito a modernidade e a pós-modernidade e as mutações que aconteciam na cultura e atingiam a religião. Foi então que me deparei com o pensamento de Simone Weil, que para mim hoje é referência obrigatória como filósofa, pensadora e como mística. Ela me abriu todo o mundo da mística contemporânea no qual fui encontrar outras referências importantes. Mulheres sobretudo como Ety Hillesum, Edith Stein e Julia Kristeva que pensa sobre essa mística. Igualmente Dorothy Day, ativista e mística estadunidense, cuja mística tem muitos pontos em contato com a Teologia da Libertação. Igualmente Thomas Merton, monge trapista escritor, que conheço menos, mas que sempre me fascina e me mostra como a mística é livre e como a teologia que dela brota é a que mais pode atingir os ouvidos e os corações contemporâneos.

Ao lado disso, eu diria que meu terceiro campo maior de influências é e tem sido a literatura e a poesia. Vejo a literatura como a nova mediação hermenêutica por excelência para que a teologia encontre espaço para dizer novas palavras ou palavras que ressoem e sejam entendidas hoje. Neste campo tenho descoberto sobretudo autoras mulheres, como Adélia Prado, Sophia de Mello Breyner Andresen, assim como também alguns homens, tais como Guimarães Rosa. Vejo que hoje a teologia deve estar realmente nas fronteiras e no átrio dos gentios, dialogando com as questões que a sociedade levanta. Só assim cumprirá sua missão, tal como a entendo. O Papa Francisco tem falado constantemente sobre isto e creio que suas palavras começam a produzir frutos.

## **2 A partir do seu trabalho como docente e teóloga, quais são os maiores desafios contemporâneos que observa? O que você aconselharia para as mulheres que optam em seguir e atuar nessa área? Quais aspectos considera relevantes e que deveriam ser uma ocupação dos (as) jovens teólogos(as)?**

Os desafios são muitos e muitos deles eu creio que já aponte na resposta acima. A teologia hoje não pode mais se limitar aos manuais e compêndios. Nem lhe é permitido restringir-se aos espaços apenas eclesiais. Deve ocupar-se nestes, claro está, mas deve também sair, dentro do modelo de Igreja em saída que propõe o Papa Francisco e fazer

ouvir seu discurso fora do templo, no chão da vida, em meio às pessoas as mais diversas, mesmo que estas não comunguem da fé que marca e deve marcar o discurso teológico. A grande intuição do Concílio Vaticano II é esta: Deus não se faz presente apenas dentro da instituição eclesiástica, mas estende sua autocomunicação e revelação a toda a humanidade e a toda a criação, a toda a festa dos seres vivos. Igualmente nas fronteiras, nos lugares ambíguos e talvez suspeitos, ali a experiência de Deus pode estar emergindo de formas originais e insuspeitadas. Os teólogos então deveriam dirigir seu olhar com muita atenção a tudo isso.

Para as mulheres, enquanto mulher, diria que sabemos que o caminho é árduo. Ainda existe muita suspeita, muita distância, muita discriminação com relação à presença da mulher fazendo teologia. Justamente por isso, nosso esforço deve ser ocupar os espaços, fazer-se visível e audível. Mostrar a que viemos. Nesse sentido – essa foi minha experiência então a partilho aqui – creio que não devemos elaborar nossos textos e reflexões apenas em torno ao tema da mulher. É muito importante fazê-lo, claro está, mas é importante também demonstrar que podemos e sabemos refletir e falar sobre outros temas teológicos: sobre Deus, sobre Jesus Cristo, sobre o Espírito Santo, sobre a Igreja, sobre a antropologia, escatologia, a Bíblia etc. E o fazemos enquanto mulheres. Creio que isso ajuda as portas a se abrirem, ou melhor, a não se fecharem tanto.

Aos jovens (tenho alunos jovens e me encham de esperança) diria que nos ajudem, que não tenham medo de expressar-se livremente, de colocar suas perguntas, de levantar suas dúvidas e suas questões. São eles que nos abrirão as portas dessa nova época que estamos vivendo. Precisamos de sua presença e dos temas que os ocupam e lhes move o coração para que nossa teologia procure responder às perguntas que são feitas e não àquelas que já tiveram seu momento, mas não serão mais feitas.

### **3 Partindo da perspectiva da mulher, sua contribuição na reflexão teológica atual já atravessa continentes, evidenciando que não é possível fazer teologia sem olhar para o feminino. Nesse sentido, em que aspectos a hermenêutica da teologia feminista contribuiu para a teologia hoje? Como essa releitura está promovendo uma exegese e análise dos textos bíblicos e impactando na produção teológica no Brasil e no mundo?**

A meu ver, a teologia feminista abriu uma fenda no discurso hegemônico e monolítico do patriarcalismo que marcava boa parte da teologia cristã. Trouxe perguntas e dúvidas e suspeitas sobre algo que parecia dado por assente desde sempre e para sempre. Trouxe a diferença da mulher mostrando que é constitutiva da humanidade, a qual não encontra sua identidade sem ela. Trouxe uma perspectiva diferente para abordar o texto bíblico, trouxe novidades retumbantes para falar sobre a antropologia, e sobre a Cristologia e o discurso sobre Deus e a experiência que o funda. E trouxe temas próprios, de sua agenda, para o centro da teologia: a sexualidade, o gênero, a corporeidade. Ultimamente creio que um dos temas mais importantes é a analogia do discurso sobre a corporeidade feminina com a corporeidade da terra dentro da grande temática da Ecologia. O ecofeminismo é um dos veios mais promissores da teologia, a meu ver, assim como a mística. A redescoberta das mulheres místicas de ontem e de hoje, medievais, modernas e contemporâneas é algo de extrema importância e que traz luz nova para muitas questões importantes.

#### **4 A hermenêutica feminista e de gênero, particularmente na América Latina, teve como pano de fundo a Leitura Popular da Bíblia. A mudança de vocabulário e de questões práticas que promovem o protagonismo feminino ainda revela um grande abismo na igreja. Que movimentos a igreja deverá avançar mais para a vivência do Discipulado de Iguais?**

Eu sou otimista quanto aos passos e ao espaço que a mulher vem ganhando na Igreja, apesar de reconhecer que esses passos ainda são primeiros e estão longe de terem dado toda a sua medida. Ainda há muito que caminhar. No entanto, creio que uma coisa é imprescindível e fundamental: que as mulheres estejam juntas e solidárias e trabalhem sempre mais em rede. Nossa teologia tem que ser “Madalena” como nos ensinou Moema Miranda, ao falar da Igreja Madalena. Não é nem pode ser uma teologia de competição, mas de comunidade e solidariedade. Temos que pensar em rede, fazendo um trabalho sempre inclusivo e deixando claro aos companheiros homens que não pretendemos isolá-los do nosso convívio. Pelo contrário, nós os queremos conosco, sabendo que quanto mais eles se conscientizarem da importância de que a nossa diferença esteja presente no discurso e no tecido comum da teologia, todos teremos a ganhar. Não se concebe mais um espaço onde a presença e a voz feminina não estejam presentes na linha de frente. Enquanto isto não acontecer, haverá sempre uma nota falsa na bela sinfonia que Deus deseja que a teologia faça soar e ressoar pelos espaços contemporâneos.

#### **5 O Papa Francisco tem insistido em seu magistério na valorização e inclusão feminina. Um exemplo é ter permitido que mulheres votem no próximo Sínodo dos Bispos em um movimento inédito que pode abrir caminho para maior inclusão feminina nas decisões internas da Igreja Católica. O que você espera desta abertura?**

Penso que o Papa Francisco está fazendo o que pode, com a lúcida consciência de que não pode fazer tudo. Abriu espaços para as mulheres, situando-as em cargos de importância dentro da Igreja. A questão do voto no Sínodo é uma das questões, não a única. Ele assim promoveu uma maior visibilidade das mulheres e isso já foi um passo. Cabe a nós ocuparmos bem esse espaço que foi aberto e procurar ir abrindo outros, incluindo outros e outras. Certamente após o Sínodo poderemos ouvir coisas novas. Não é algo do terreno da evidência, não se fará sem muita luta e provavelmente nossa geração não verá a terra prometida em todo o seu esplendor. Mas a alegria de ser semente de um processo tão belo e importante como essa inclusão feminina já dá para consolar e muito nossos corações e alegrar nosso espírito. Que assim seja!